

O CIRCUITO AFETIVO NA VIDA CONTEMPORÂNEA: POR QUAL VIA ESTAMOS SENDO AFETADOS?

PENTEADO, Camila Slociak¹

LIMA, Guilherme Almeida de²

RESUMO

A proposta desta pesquisa é a partir da articulação entre os campos da psicanálise e da sociologia, refletir e melhor compreender sobre a sociedade contemporânea. Partimos do pressuposto de que a sociedade está atravessando transformações sociopolíticas e estruturais; objetiva-se, dessa maneira, compreender os efeitos do gerenciamento capitalista em nossas vidas, enquanto sujeitos desejantes. A engrenagem de um sistema capitalista é a atividade do consumo, e conforme reflete Karl Marx, a produção cria o material, o modo e a necessidade do consumo, abarcando, desse modo, a esfera subjetiva, então além de objetos para os sujeitos, o capitalismo cria sujeitos para os objetos. Esse circuito afetivo que promove o ciclo do consumo se opera a partir de nossa potência de vida, o desejo. Bauman relata que, a linha de chegada na corrida dos consumidores, se move sempre mais veloz do que o mais veloz dos corredores. Somos, portanto, afetados por desejos consumistas insaciáveis, um desejo quando satisfeito abre caminho para um novo desejo. Lacan aponta que o sistema capitalista nos seduz com objetos que supostamente realizam o gozo, a satisfação, entretanto o ciclo de consumo só se edifica porque justamente a satisfação pulsional não se realiza por completo, escravizando os sujeitos na repetição do consumo. A resistência enquanto posicionamento existencial, possibilita que novos caminhos sejam traçados, visando a liberdade, enquanto ocupam espaços de subjetivação, como a arte, a dança, a escrita, enfim, espaços e movimentos que dão vazão a sensibilidade e a criatividade, a possibilidade de ser e sentir; em resumo, o corpo é uma ferramenta em potência, transformadora de espaço e tempo.

Palavras-chave: Sociedade. Capitalismo. Desejo. Sociologia. Psicanálise.

¹ Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Campo Real.
E-mail: psi-camilapenteado@camporeal.edu.br

² Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso. Psicólogo. Pedagogo. Mestre em Filosofia. E-mail: prof_guilhermelima@camporeal.edu.br

ABSTRACT

The purpose of this research is to reflect on and better understand contemporary society by linking the fields of psychoanalysis and sociology. We start from the assumption that society is going through socio-political and structural transformations; the aim is to understand the effects of capitalist management on our lives as desiring subjects. The gear of a capitalist system is the activity of consumption, and as Karl Marx reflects, production creates the material, the mode and the need for consumption, thus encompassing the subjective sphere, so as well as objects for subjects, capitalism creates subjects for objects. This affective circuit that promotes the cycle of consumption operates from our power of life, desire. Bauman says that the finish line in the consumer race is always moving faster than the fastest runner. We are therefore affected by insatiable consumerist desires, one desire when satisfied paves the way for a new desire. Lacan points out that the capitalist system seduces us with objects that supposedly fulfill jouissance, satisfaction, but the cycle of consumption is only built up because it is precisely the drive satisfaction that is not completely fulfilled, enslaving subjects in the repetition of consumption. Resistance as an existential position allows new paths to be traced, aiming for freedom, while occupying spaces of subjectivation, such as art, dance, writing, in short, spaces and movements that give vent to sensitivity and creativity, the possibility of being and feeling; in short, the body is a tool in power, transforming space and time.

Keywords: Society. Capitalism. Desire. Sociology. Psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

Torna-se difícil utilizar o corpo e os prazeres contra um poder cujo produto é precisamente esse corpo e esses prazeres.

(Francisco Ortega)

Esta pesquisa visa abordar a contemporaneidade sob uma ótica psicossocial, pretendendo clarificar a relação que há entre os mecanismos políticos e aquilo que circula entre nós enquanto afeto, tecendo o espaço de sociedade. Diante disso, pensando nos efeitos da cultura de produtividade e consumo estabelecida, buscamos assimilar como a qualidade de vida é atingida, e de que modo a psicologia pode coadjuvar nessa esfera.

Justificamos a relevância de tal estudo a partir dos impactos sentidos por nossa sociedade, como o sentimento de cansaço excessivo, por exemplo. Nesse sentido, buscamos compreender como o circuito afetivo opera na nossa sociedade contemporânea, e quais são seus dispositivos para alcançar resultados que são politicamente ideados a partir de um sistema de controle e poder.

O circuito afetivo está essencialmente atrelado ao processo sociológico e cultural de determinada região e época. O alemão Norbert Elias em seu livro *O Processo Civilizador* (1939), aponta a cultura como um dispositivo de respostas às nossas necessidades naturais, aquilo da ordem da nossa constituição biológica; a inserção dos sujeitos nesse modelo de respostas é o processo civilizatório. O sistema capitalista se implica, sobretudo, na captura e direcionamento dos nossos desejos, onde somos severamente estimulados a uma cultura de produtividade, consumo, e comparação. A dinâmica desse gerenciamento dos afetos que circulam em nosso cotidiano, delimita quais são os afetos possíveis, atingindo de modo direto a nossa potência de vitalidade.

Para responder o problema da pesquisa, objetiva-se articular as interferências do sistema capitalista, com a falta de recursos sensíveis na nossa rotina enquanto sociedade, o que resulta no enfraquecimento da nossa qualidade de vida, acarretando inclusive em problemas de saúde, tanto física quanto psicológica, decorrente do ritmo acelerado e fugaz que nos é imposto.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa possui a finalidade básica investigativa de natureza bibliográfica a partir de livros e artigos científicos, tendo como abordagem a perspectiva qualitativa/transversal, estruturada com o objetivo exploratório e explicativo, visando alcançar maior entendimento acerca da interligação entre a política e a cultura contemporânea, bem como essa relação influencia na gestão dos nossos circuitos afetivos.

Para possibilitar a elaboração desta pesquisa, valendo-se de alguns livros e artigos científicos da base de dados da *Scielo* e *Pepsic*, foram buscadas as palavras-chave: circuito afetivo, política, capitalismo, desejo e psicanálise; resultando em livros e artigos correspondentes a temática, os quais foram selecionados de acordo com a pertinência, e destes, os seguintes utilizados como norteadores principais: Sociedade do Cansaço (2015) de Byung-Chul Han; Grundrisse (2011) de Karl Marx; Patologias do social (2021) por Safatle, Silva Jr e Dunker; O Circuito dos afetos (2016) por Vladimir Safatle; O processo civilizador (1939) de Norbert Elias; Modernidade Líquida (2011) de Bauman; O seminário 16 de Lacan, De um Outro ao outro (1968-1969); A Hermenêutica do Sujeito de Michel Foucault (1981-1982).

3. CIRCUITO AFETIVO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A definição de um circuito é o percurso de um ponto a outro, onde o ponto final se dá justamente no ponto de partida. Com essa proposição, podemos entender o circuito afetivo tendo como ponto de partida a ideação, o planejamento político dos afetos que serão circulados, de maneira manipulada por assim dizer, e o ponto de chegada se dará nesse mesmo lugar político, mas enquanto efeito.

O circuito afetivo está essencialmente atrelado ao processo sociológico e cultural de determinada região e época. O alemão Norbert Elias em seu livro *O Processo Civilizador* (1939), aponta a cultura como um dispositivo de respostas às nossas necessidades naturais, aquilo da ordem da

nossa constituição biológica; A inserção dos sujeitos nesse modelo de respostas é o processo civilizatório.

A sociedade é caracterizada como um sistema que se dispõe a elaborar normas, valores e regras, a partir disso estabelece formas de comportamentos, bem como de relações interpessoais. Dessa maneira, pensamos a sociedade como uma instauração de afetos, que se constitui a partir de circuitos, passando por transformações sociopolíticas e estruturais. A construção de uma sociedade implica em uma força para a produção contínua de afetos que visam alcançar um efeito planejado politicamente, desta maneira, ocorre o processo de socialização, definindo o modo como interpretamos e enlaçamos sentido diante das normas estabelecidas.

Analisando o modo de gestão social dos últimos tempos, ficam evidentes dois pontos centrais: o pacto com o capitalismo, e o sentimento de cansaço que afeta a grande maioria da população. Byung-Chul Han (2015), em sua obra *A Sociedade do Cansaço*, conceitualiza o cansaço como uma resposta que o corpo produz frente às demandas de positividade e cobrança por desempenho, que a sociedade impõe de maneira violenta; no inconsciente social habita o desejo de maximizar a produção, explica o autor. Passamos de uma sociedade disciplinar, da obediência, para uma sociedade de desempenho, de poder e consumo:

Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da eficiência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar (HAN, 2015, p. 25).

Entende-se, portanto, que a disciplina se mantém presente, deixando de necessitar de imposições externas, uma vez que se efetiva através da autocobrança. Nesse contexto, é preciso desempenhar e produzir demasiadamente, para que como resultado, o consumo se amplie, originando um circuito repetitivo que reflete na estruturação das nossas rotinas.

4. GERENCIAMENTO POLÍTICO DOS AFETOS: A CAPTAÇÃO DOS NOSSOS DESEJOS

O sistema capitalista direciona a realidade em um sentido consumista. Desenvolvemos um tipo de compulsão, onde compramos não por

necessidade, mas pela competição de ofertas que nos seduzem, pelas ideologias e promessas vendidas. Segundo Bauman (2011), a linha de chegada na corrida dos consumidores se move sempre mais veloz do que o mais veloz dos corredores. Somos, portanto, afetados por desejos consumistas insaciáveis, um desejo satisfeito abre caminho para um novo desejo.

A despeito de suas sucessíveis e sempre pouco duráveis reificações, o desejo tem a si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável qualquer que seja a altura atingida pela pilha dos outros objetos (físicos ou psíquicos) que marcam seu passado (BAUMAN, 2011, p.72).

A cultura de produção e consumo não faz referência somente a ideais estéticos, hábitos e produtos, mas também a identidades e valores. Nessa dinâmica, os processos psíquicos tornam-se facilmente um dispositivo dessa cultura que se revela como produtora de comportamentos de consumo.

As condutas políticas contemporâneas gerenciam estruturas psíquicas e quadros patológicos, bem como ocorreu em épocas passadas e ocorrerá em tempos futuros, havendo atualizações de acordo com mudanças na sociedade, ou seja, com caráter temporal. Todo esse processo se dá através da linguagem, ainda que seja pela via de circuitos afetivos inconscientes, a linguagem se apropria da época, e dos sujeitos, a partir dessa, a política então, estabelece ferramentas para uma manipulação simbólica que vise o consumo das massas, a produção de comportamentos de consumo.

Bauman (2011), fala do corpo do consumidor explicitando que a vida nesse contexto se organiza a partir da sedução e desejos crescentes que precisam ser satisfeitos no menor tempo possível, instantaneamente; a uma comparação universal e ilimitada que nos faz sempre desejar mais. E o corpo saudável agora tem que ver com o corpo apto a corresponder às demandas capitalistas, que seja senhor de suas vontades e tenha como dever satisfazer seus desejos, que tenha um bom desempenho, e esteja sempre preparado física e psicologicamente.

Karl Marx (2011) relata que a produção cria seus consumidores, além dos objetos de consumo o sistema capitalista delimita também os

modos de consumo, abarcando além de uma esfera objetiva, a esfera subjetiva. A produção cria objetos para os sujeitos, e sujeitos para os objetos.

Logo, a produção produz o consumo, na medida em que 1) cria o material para o consumo; 2) determina o modo do consumo; 3) gera como necessidade no consumidor os produtos por ela própria postos primeiramente como objetos. Produz, assim, o objeto do consumo, o modo do consumo e o impulso do consumo (MARX, 2011, p. 66).

O discurso político faz o delineamento dos meios de gozar, implicando o sujeito, a partir dos laços sociais; Lacan em O seminário 16 (2008), De um Outro ao outro, usa o termo mais-de-gozar, a partir das teorias marxistas do termo de mais-valia que corresponde a parte do trabalho que não é remunerada. Lacan aponta que o mais-de-gozar é a busca pela satisfação justamente através do ato de consumo pela aquisição de objetos, mas como resultante tem-se a falta do gozo, já que a satisfação pulsional não se faz completa, e assim sendo, novamente o ato de consumo deve ser repetido, dando continuidade na tentativa falha de alcançar o gozo. O mercado capitalista realiza a oferta de objetos como objetos de gozo, como pudessem preencher a falta, o vazio, criando esse ciclo repetitivo que acaba por escravizar o sujeito.

O mais-de-gozar é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso. É isso que dá lugar ao objeto a. Desde o momento em que o mercado define como mercadoria um objeto qualquer do trabalho humano, esse objeto carrega em si algo da mais-valia (LACAN, [1968-1969] 2008, p. 19).

Desta maneira, a partir dessa relação entre mais-valia e mais-de-gozar, podemos compreender que assim como o sistema capitalista cria mecanismos de exploração para a mão de obra, como mostra Marx em seus estudos sociais, este mesmo sistema também cria meios para captar e explorar nosso bem mais vital, o desejo.

A ótica psicanalítica nos evidencia que a falta é inerente ao sentir humano, e o consumismo age por essa via, fazendo ofertas que supostamente preenchem a falta, mas que na verdade, o resultado é: consome-se cada vez mais nessa expectativa frustrada, exigindo demasiadamente o gozo do próprio desejo.

5. ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: CAMINHOS POSSÍVEIS

A constituição do sujeito é iniludível de algumas influências que se fazem predominantes, oriundas do inconsciente e do poder, dessa forma, pensar modos de vida sob uma perspectiva social e psicanalítica, como se propõe nesta pesquisa, só é possível questionando o tipo de poder que se implica nas relações, pois é nesse movimento que o corpo social emerge, atravessando o sujeito, e a coletividade.

Considerando que nossa experiência de vida é corporal, estamos no mundo através do corpo e todas nossas funções e atividades se realizam a partir dele. Os circuitos afetivos dispostos pela atual política se desdobram a partir de uma regulação desses corpos e dos regimes de desejos, geralmente, valendo-se da repressão. A partir de uma gramática social do sofrimento, na contemporaneidade este possui novas formas de se originar e se manifestar; e o corpo, toma novas formas em relação a suas intensidades, vem ocupando um lugar de resistência perante toda a exposição a estímulos de uma realidade mecanizada/tecnicizada, pautada em extração e acúmulo onde o ritmo se faz acelerado causando o cansaço excessivo.

Nesse contexto, o corpo vem sustentando o ritmo que nos é imposto, pela via dos sintomas, que para a psicanálise, são um tipo de resposta, uma formação substitutiva que surge a partir da repressão de um impulso sexual; então a carga de energia, reprimida, acaba por sustentar um sintoma. O sofrimento pode ser entendido como o efeito da estrutura de poder e mecanismos sociais históricos determinados.

Socializamos sujeitos, entre outras coisas, ao fazer com que eles internalizem modos de inscrever seus sofrimentos, seus “desvios” e descontentamentos em quadros clínicos socialmente reconhecidos. Não se socializa apenas levando sujeitos a internalizarem disposições normativas positivas, mas principalmente ao lhes oferecer uma gramática social do sofrimento, ou seja, quadros patológicos oferecidos pelo saber médico de uma época. Não se socializa apenas através da enunciação da regra, mas principalmente através da gestão das margens (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2011, p. 9).

Em relação aos efeitos dos modos de controle da sociedade de acordo com cada época, Freud (2011), no desenvolvimento de suas teorias, escrevia sobre o corpo pulsional e a relação com a civilização, está por sua vez já produzia efeitos nos corpos, bem como as patologias sociais, a partir da repressão que atingia o corpo social da época.

Pensava-se o eu corporal como consciente, entretanto sempre se movimentando no sentido de interações sociais. Ocorre que, até atualmente, na vida urbana e capitalista, com suas exigências morais, normas e valores, não há espaço de vazão para uma satisfação pulsional/sexual, o que seria essencial para aquilo da ordem da saúde psíquica e ao estímulo do sentimento de felicidade, segundo Reich (1933), há um embate entre as forças pulsionais e a moral, desgastando a vitalidade. Diante de tais fatos, faz-se necessário um olhar sensível e crítico para o que estaria nesse lugar da qualidade de vida, que envolve condições existenciais e questões subjetivas.

Pensando modos de vida que resistam subjetivamente a realidade imposta, apoiados em uma estética saudável, onde o desejo se sustenta não apenas como um produto do capitalismo mas como força de vitalidade, abre-se o caminho da arte; conforme Nise da Silveira (1981) a criatividade se enlaça a muitas funções psicológicas essenciais para a reestruturação da psique, por isso, todos deveriam ser estimulados a inventar alguma coisa; a possibilidade de cura habita o mesmo terreno da possibilidade de poder criar e recriar-se. A resistência enquanto posicionamento existencial, possibilita que novos caminhos sejam traçados, visando a liberdade, enquanto ocupam espaços de subjetivação, como a arte, a dança, a escrita, enfim, espaços e movimentos que dão vazão a sensibilidade e a criatividade, a possibilidade de ser e sentir; em resumo, o corpo é uma ferramenta em potência, transformadora de espaço e tempo.

De uma nova percepção, emerge um novo corpo, de uma nova política, emergem novos circuitos afetivos. Podemos, dessa maneira, compreender a importância de questionar o cenário subjetivo e social nos quais se inserem nossas rotinas, nossas trocas e nossa existência.

Foucault (1981-1982) em seus estudos sobre o cuidado de si, discorre essencialmente acerca da importância do trabalho em si a partir de práticas para ocupar-se consigo mesmo, promovendo um espaço de singularidade, e a partir de tal colocação traz o conceito de estética da existência, que diz sobre uma maneira subjetiva e ética de se fazer sujeito na atualidade. A questão não se implica em uma renúncia da realidade, mas na possibilidade de modos de vida e existência singulares, desprendidos de um

padrão normativo, onde existam caminhos possíveis para satisfação dentro do aspecto de alteridade.

Portanto, como vemos, quando Platão (ou Sócrates) se serve da noção de *khresthai/khrêsis* para chegar a demarcar o que é este *heautón* (e o que é por ele referido) na expressão “ocupar-se consigo mesmo”, quer designar, na realidade, não certa relação instrumental da alma com todo o resto ou com o corpo, mas, principalmente, a posição, de certo modo singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos de que dispõe, como também aos outros com quais se relaciona, ao seu próprio corpo, e enfim, a ele mesmo. Pode-se dizer que, quando Platão se serviu da noção de *khrêsis* para buscar qual é o eu com que nos devemos ocupar, não foi, absolutamente, a alma-substância que ele descobriu, foi a alma-sujeito (FOUCAULT, 1981-1982, p. 71).

Ocupar-se consigo então, diz não apenas sobre a relação consigo mesmo, mas também a posição subjetiva que ocupamos diante da respectiva realidade, que emerge a partir de um eu-sujeito, inserido no contexto de forma ativa, conectado a sua singularidade e seus próprios desejos. A conduta ética para Foucault (1981-1982) é a relação de poder que o sujeito estabelece consigo mesmo, e não precisaria se submeter a uma conduta do outro, considerando os efeitos do que se produz, sendo o mais elevado nível de liberdade. A partir dessa ética, a estética da existência se efetiva em novas formas de subjetivação, com espaço para diferenças e variações, produções transformativas e livres. Entendemos que valores estéticos são subjetivos, cada qual tem um olhar e um conceito sobre aquilo que está para a ordem da beleza, sendo assim, conforme Foucault (1981-1982) as práticas de cuidado de si tendem a fazer da vida uma obra que corresponda com os próprios valores estéticos e critérios de modo de vida.

6. CONCLUSÕES

A partir da pesquisa realizada, visando uma maior compreensão acerca dos circuitos afetivos os quais compõem nossa sociedade contemporânea, entendemos a dimensão imensa na qual a política exerce sua força totalizante como controle das massas, sendo o capitalismo um dos principais dispositivos da época, juntamente com a ciência, o patriarcado, o colonialismo, o eurocentrismo, e outros; estes se atravessam e gerenciam os discursos a serem denotados.

A maneira como estabelecemos nossas relações, nossas percepções, e como manejamos os nossos desejos, ou seja, o processo de socialização, é em potência atravessado por circuitos elaborados com objetivos e efeitos muito bem pensados, que visam um padrão de comportamentos, esses por sua vez, de consumo; e um quadro de afetos, a partir deste podemos também pensar acerca das patologias atuais, a sociedade é gestora e produtora também dos sofrimentos de sua época.

Dessa maneira, a partir de tais colocações e da proposta de uma estética da existência de Foucault (1981-1982) faz-se necessário traçar novas possibilidades de como poderíamos melhor adaptar nossa existência, esta que é uma experiência subjetiva, carregada de sonhos, desejos e anseios, com as demandas, normativas e morais, estabelecidas pela política contemporânea; se não imprimirmos posições de resistência e transformação, a nossa vitalidade será mortificada pelo ritmo de trabalho e pelo ciclo de consumo com os quais vivemos.

Em uma linha conclusiva, mas de maneira a instigar maiores questionamentos acerca dos temas questionados, e não findar a pesquisa neste sentido, propomos pensar a arte como uma possibilidade de manejo da realidade, pontuando também sobre a qualidade de vida, o enriquecimento da vitalidade por essa via que nos atravessa desde os primeiros tempos, por esta via que é inerente ao desenvolvimento humano, social, histórico e cultural da nossa realidade.

7. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Modernidade_liquida.pdf. Acesso em: 01 maio 2023.

BEZERRA JR., B. **Descentramento e sujeito - versões da revolução copernicana de Freud**. In: COSTA, J. F. (Org), Redescrições da psicanálise - ensaios pragmáticos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1939. 279 p. Tradução Ruy Jungman. Disponível em: https://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/09/ELIAS__Norbert._O_processo_civilizador_volume_1.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. **O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100)**: características e perspectivas. características e perspectivas. 2004. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal , Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100004>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no collège de france (1981-1982). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Tradução de: Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail.

HAN, Byung-Chull. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015. Tradução de: Enio Paulo Giachini.

LACAN, J. **O seminário, livro 16: de um Outro ao outro** (1968-1969). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).

MARX, K. **Grundrisse**. Tradução de Mario Duayer e Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MURTA, Claudia; FALABRETTI, Ericson. **O autômato: entre o corpo máquina e o corpo próprio**. Nat. hum., São Paulo , v. 17, n. 2, p. 75-92, 2015 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302015000200004&lng=pt&nrm=iso. acessos em 23 abr. 2023.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

REICH, W. **Análise do Caráter** (1933). 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 263 p. Tradução de Ricardo Amaral do Rego.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). **Patologias do social: arqueologia do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 351 p.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente** (1981). 2. ed. Petrópolis RJ: Vozes Ltda, 2015.